

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO**

Curso de Licenciatura em Geografia

Erica Tavares da Silva

**BREVES REFLEXÕES ACERCA DO CONSUMO CONSCIENTE E  
CULTURA DESCARTÁVEL**

São Paulo  
2020

Erica Tavares da Silva

**BREVES REFLEXÕES ACERCA DO CONSUMO CONSCIENTE E  
CULTURA DESCARTÁVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Geografia da Universidade de  
Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciatura em  
Geografia.

**São Paulo  
2020**

**Erica Tavares da Silva**

**BREVES REFLEXÕES ACERCA DO CONSUMO CONSCIENTE E  
CULTURA DESCARTÁVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

São Paulo, ..... de ..... de 2020.

Banca Examinadora

.....

Prof. Dr. ....

Profa. Dra. ....

## BREVES REFLEXÕES ACERCA DO CONSUMO CONSCIENTE E CULTURA DESCARTÁVEL

Erica Tavares da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O consumo exacerbado e impulsivo se faz presente em nossos dias, consumimos sem nos darmos conta dos malefícios que causamos ao nosso planeta, sem refletirmos sobre nossas ações e suas causas, como por exemplo, de onde vêm e para onde vai tudo aquilo que consumimos, ou, o porquê de consumirmos. Afinal, somos movidos por desejos, e o que realmente nos traz esse desejo de consumir? Este artigo busca apresentar breves reflexões acerca do consumo consciente e cultura descartável, para que possamos ver além, e trazer o questionamento sobre o sistema em que vivemos, na tentativa de nos levar a pensar sobre o que podemos fazer para que o meio ambiente não pereça.

**Palavras-chave:** Cultura descartável. Consumo consciente. Natureza. Sociedade. Capitalismo.

### ABSTRACT

Exacerbated and impulsive consumption is present in our days, we consume without realizing the harm that we cause to our planet, without reflecting on our actions and their causes, such as, where does everything that we consume come from and where does it go, or, why we consume. After all, we are driven by desires, and what does this desire to consume really bring us? This article seeks to present brief reflections on conscious consumption and disposable culture, so that we can see further, and bring the questioning about the system in which we live, in an attempt to get us to think about what we can do so that the environment does not perish .

### Keywords:

Disposable culture. Conscious consumption. Nature. Society. Capitalism.

### INTRODUÇÃO

Quando pensamos no ser humano e em seu meio de convívio e sobrevivência, naturalmente, somos movidos a refletir sobre o individualismo e o egocentrismo, atitudes das quais adentram nosso modo de vida sem nos darmos conta através da sociedade em que coexistimos. Porém, essa forma de agirmos vem a cada dia nos

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Graduação em Geografia da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. [ericatavares.filosofia@hotmail.com](mailto:ericatavares.filosofia@hotmail.com).

consumindo e conseqüentemente o mundo em que habitamos, sem que percebamos, em troca de comodidade, opulência, prazeres momentâneos e egoístas, estamos rescindindo e devastando todas as formas de vida do nosso planeta e a capacidade de renovação dos nossos recursos naturais.

Diante desta situação torna-se imprescindível a ponderação de quanto o planeta ainda irá suportar com nossas ações, e com a cultura predatória avassaladora que vamos ditando-o para essa devastação.

Neste artigo será abordado a perspectiva social e econômica da atual sociedade. Portanto, no que remonta ao indivíduo sua responsabilidade de tomar consciência ao que consome, e por que consome? E que fim se dá a aquilo que não foi consumido? São perguntas que nos levam a pensar sobre os problemas diante de um mundo contemporâneo egocêntrico. Para compreendermos melhor como a nossa sociedade compartilha destes pensamentos, serão utilizados como apoio artigos científicos, obras e dois principais documentários que se apresentam de forma impactante sobre este assunto: Terra (2015), filme de Michael Pitiot<sup>2</sup> e Yann Bertrand<sup>3</sup>. Em seus trabalhos, Bertrand busca registrar de forma panorâmica as mais belas paisagens, acrescentando em seus documentários, compartilhando uma ampla visão do que ocorre nas diferentes regiões ao redor do mundo. O outro título do qual temos como base é The Story of Stuff (2007), traduzido “A História das Coisas”, que descreve o ciclo de vida dos bens materiais. Sua autora é Annie Leonard<sup>4</sup> que nos traz a trajetória da nossa própria construção social em uma saga de abusos, exageros, desperdício e saturação com os nossos padrões de consumo, desde a extração da matéria prima à venda dos produtos que afetam o meio ambiente.

### **A natureza pede socorro**

O planeta Terra está fadado ao desastre devido às ações humanas, a relação entre a natureza e o ser humano está cada vez mais distante, os animais se tornaram refugiados, precisamos conviver em equilíbrio com a natureza novamente e trabalhar a seu favor, compreendendo que tudo que retiramos dela e não retribuímos,

---

<sup>2</sup> Roteirista e diretor de cinema francês.

<sup>3</sup> Jornalista, fotógrafo e ambientalista. Dirigiu outros importantes documentários como o Human (2015), Home (2009) e Planeta Água (2012).

<sup>4</sup> Defensora americana da sustentabilidade e uma crítica do consumismo. Em 2014, se tornou a Diretora Executiva do Greenpeace EUA.

prejudicará a nós próprios, tendo em mente que também somos parte dela. Grande parte da humanidade ignora os recentes acontecimentos e os avisos que a natureza vem nos transmitindo, como as mudanças das estações, o efeito estufa, o aquecimento global, o derretimento das calotas polares, entre tantos outros. Precisamos parar e refletir sobre essas causas, nos preocupar com o futuro da humanidade, com a nossa descendência e agir para que o meio ambiente não pereça.

De acordo com alguns dados, já anunciados na Eco-92<sup>5</sup>, é necessária uma mudança urgente no comportamento humano para que não se agrave ainda mais a destruição do meio ambiente. Durante a conferência problemas ambientais foram alertados, e algumas propostas foram sugeridas para não chegarmos a um colapso socioambiental, como a escassez de matérias primas e biodiversidade necessária ao nosso modo de vida. Vinte anos depois, surge a Rio+20<sup>6</sup>, para retomar e discutir assuntos explorados durante a Eco-92, porém muitos países os quais se comprometeram em demonstrar ações e soluções de desenvolvimento, acabaram por negligenciar vários temas estabelecidos anteriormente. Nesta conferência podemos perceber a continuidade das ações nocivas do ser humano para com o meio ambiente:

A poluição crescente da água e do ar, a ameaça de extinção de espécies da fauna e da flora e os cada vez mais comuns acidentes ambientais, como o que ocorreu na usina nuclear russa de Tcheliabinski em 1957 (contaminando cerca de 250 mil pessoas) ... (RIO+20, Comitê Nacional de Organização, 2012)

Na atual sociedade, muitas vezes temos dificuldades para compreender certas obviedades ainda mais quando ele tenta responder a paradoxos por nos humanos apresentados, e esse choque de verdades nos proporciona uma espécie de ignorância coletiva, que não podemos ver ou compreender em um todo. Assim, podemos perceber os acontecimentos e descasos pela queima da floresta amazônica, e consequentemente sua devassidão faz com que não se reproduza umidade suficiente tornando-se uma savana seca, causando uma perda catastrófica de

---

<sup>5</sup> Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992, também conhecida como Eco-92, Cúpula da Terra, reuniu mais de 100 chefes de Estado para debater formas de desenvolvimento sustentável.

<sup>6</sup> Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, é um evento de sustentabilidade que retoma assuntos tratados durante a Eco-92, realizado também no Rio de Janeiro em junho de 2012 abordando os principais temas: desenvolvimento sustentável, economia verde, inclusão social e pobreza.

espécies, alterando também o ciclo hidrológico da água. No ártico, as geleiras não vêm mais se formando durante o verão, e sem essas calotas brancas, menos energia solar é refletida de volta ao espaço e com isso a velocidade do “aquecimento global”, vem aumentando, não mais silenciosamente, como acusava o protocolo da Eco92.

Aqui apresentamos alguns dados científicos, dos quais costumamos ver em cinematografias de ficção, como resultado existe a impressão de que tudo que cientificamente e exaustivamente debatidos em reuniões de fórum, possam não se passar de exageros de ambientalistas dos quais colocam a culpa em “um consumo privado de prazer momentâneo depois de tanto trabalho e merecida conquista”. Estamos a cada momento ligados a um certo tipo de massificação das coisas enquanto em nosso íntimo entendemos que vivemos livres, sem relacionar que cada ação nossa está ligado a um ciclo de consumo vicioso pelo qual de alguma forma venhamos sustentando silenciosamente sem nossa devida consciência perceptiva.

Qual seria o valor correto em se viver hoje em harmonia com a natureza fazendo desse custo de vida sustentável? O documentário “A história das coisas” (2007) apresenta uma ampla e drástica visão de que hoje não há muitas soluções para se fugir desse círculo vicioso em consumir cada vez mais. É impossível não desanimarmos e permanecermos anestesiados frente a tantos males dos quais nós próprios somos capazes de causar e não nos importamos. A maioria das pessoas não pensam a respeito do destino de alguns produtos que não são mais úteis, mas que de alguma forma podem impactar a vida de outras pessoas, que às vezes colocam suas vidas em risco, seja qualquer descarte dos mais simples aos mais complexos, seja uma garrafa pet que navegará por anos nos rios e oceanos até envolver uma vida marinha, ou mesmo um navio cargueiro sem mais utilidade e encaminhado a países pobres para serem desmanchados sem preocupação nenhuma com o meio ambiente, pois o que está em jogo é o mínimo custo de salário que oferecemos ao descarte de um produto tão nocivo a natureza, e como dito no documentário Terra (2015), “então, fecho os olhos”, tudo em nome do custo mínimo. Em outras palavras, David Attenborough<sup>7</sup> (2020) exprime: “Estamos substituindo o selvagem com o domesticado”, afastando displicentemente a ordem natural do nosso planeta, e consequentemente levando-o a reminiscência. É importante frisar que o autor busca o resgate da palavra selvagem em sua essência, (aquele que vive em meio a

---

<sup>7</sup> Naturalista britânico. Realizou importantes trabalhos sobre história natural nos últimos 57 anos.

natureza), logo sem conotação pejorativa. Attenborough nos mostra como ainda podemos agir para minimizar o dano causado ao planeta Terra em seu mais recente trabalho: *A Life On Our Planet*.

Outra forma de justificar esse véu de ignorância e entender porque mesmo com tantos avanços técnico-informático do qual vivemos nessa contemporaneidade, está ligado a cultura que estamos inseridos comumente chamada pelo sociólogo Zygmunt Bauman<sup>8</sup> de “sociedade líquida”. Na entrevista online da revista *Isto É* concedida a Bauman por Adriana Prado<sup>9</sup> (2010) podemos compreender melhor esse conceito:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada – ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis – não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida.

Jorge Mario Bergoglio<sup>10</sup>, vem denunciando essa cultura, da qual tem uma visão mais drástica que Zygmunt Bauman, pois se apropria de termos incisivos como “sociedade do descarte e economia predadora”, cenários dos quais aos poucos faz com que o ser humano se torne um ser coisificado em nome do lucro e do prazer momentâneo, que ignora a relação humana de responsabilidade e aponta como seus estimuladores o poder econômico e político a fim de favorecer essa cultura da desconstrução. Bergoglio (2015, n.22) sintetiza o termo “descarte”, em sua viagem aos três países pobres da América espanhola: Equador, Bolívia e Paraguai, afirmando: “A cultura do descarte afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem em lixo”.

Podemos ter uma ideia mais clara do termo “descarte” utilizado pelo Papa nas palavras de Ulysses da Silva (2015) em sua matéria no jornal *Santuário*:

---

<sup>8</sup> Sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

<sup>9</sup> Repórter da revista *ISTOÉ*.

<sup>10</sup> 266º Papa da Igreja Católica e atual Chefe de Estado da Cidade Estado do Vaticano.

O descarte compreende tudo aquilo que se desperdiça sem ser reciclado, desde objetos, plantas e alimentos, até os seres humanos que não são levados em conta e que estão sendo ou serão prejudicados por esse tipo de cultura. As pessoas descartadas são aquelas não importantes para os interesses políticos e pela especulação financeira e cujas necessidades básicas não consideradas pela especulação financeira e cujas necessidades básicas não consideradas pela sociedade do desperdício. Nossa geração está mergulhada na cultura do descarte, saqueando a terra como se fossemos a última geração a ter direito a ela. Todos nós estamos notando o desequilíbrio da natureza e dos seus ecossistemas naturais por causa da exploração gananciosa praticada pela produção industrial. Mas, quase ninguém se preocupa de verdade em reduzir o consumo de bens não só os necessários, mas principalmente os supérfluos. (SILVA, 2015)

Outra compreensão para esse paradoxo por nós vivido sobre o descaso com o meio ambiente pode ser analisado através da filósofa Hannah Arendt<sup>11</sup> que identificou certos absurdos humanos pela ação da não valorização de sua ação, isto é, a sua falta de consciência de causa e efeito geriu uma engrenagem em que apenas somos mais um dente dessa máquina destruidora, a esse sistema de pensamento contemporâneo a que denominou “banalidade do mal”. Arendt nos trouxe novos significados para compreendermos o espaço público, tanto em nosso relacionar quanto a compartilhar e conviver no mesmo espaço. Quando aceitamos e não refletimos sobre a naturalização das coisas, ou seja, quando nos acostumamos com o que está exposto e determinado por alguém ou por alguma ideia, isso acaba se tornando um belo pretexto para cada cidadão individualmente não assumir seus próprios compromissos, e com isso acabam se esquivando de tarefas de não pensar ou mesmo não refletir sua própria ação na mudança ou não aceitação pelo o que foi exposto. A banalidade do mal está na nossa capacidade de julgar e na nossa incapacidade de agir.

Logo viver nesse mundo contemporâneo, é estar sempre atribuindo sentidos ou necessidades as coisas, sem nos preocuparmos com a materialidade e que destino atribuímos a ela. Devemos nos preocupar e tomar a responsabilidade em relação ao descarte e produção do lixo que geramos, é importante agirmos de forma consciente,

---

<sup>11</sup> Filósofa política alemã de origem judaica.

ou seja, atribuir o dever ao Estado, instituições, indústrias, empresas, etc. e também termos compromisso e ação individual.

### **Relação entre sociedade e natureza**

O termo *selvagem*, se refere a quem não sabe conviver em sociedade e com hábitos pouco aceitáveis ao comportamento urbano social, ao menos o que explica o dicionário; “Que nasce, cresce e vive naturalmente, sem cuidados especiais; silvestre, silvícola” ou “Diz-se de animal que ainda não foi domesticado; indomado” (Michaelis, 2020). De acordo com a teoria do filósofo naturalista Jean-Jacques Rousseau<sup>12</sup> (1996), o selvagem seria o indivíduo essencialmente bom e puro por estar em comunhão com a natureza e não ter sido contaminado pelo homem civilizado. Assim, podemos questionar sobre em que momento específico o comportamento dos seres humanos começaram a interferir fortemente no meio ambiente e como isso foi abarcando densidade.

A política econômica norte-americana desenvolve incentivos para resgatar empregos e salários e assim voltar a girar o dinheiro através do consumo, vivencia-se então o “The American Way ou The American Way of Life<sup>13</sup>”. Mas, só o consumo interno não resolveria, pois haveria muito produto para pouco consumidor, sendo assim surge a exportação da ideia de felicidade, uma espécie de colonização sem que precise tomar o espaço físico e sim apenas a dependência emocional de que necessitamos ter para ser. Esse processo começou a ser propagado por ciências estudadas para gerar a necessidade do consumo como por exemplo o Marketing, cuja atuação foi semear uma educação de consumo domesticando aos poucos os instintos da população, mostrando através de suas campanhas, alegres, coloridas, vibrantes, rápidas e dinâmicas o quanto ganharia ou perderia ao não consumir o produto, a isso denominamos cultura de massa. Vinculado a um ideário estadunidense, se tornou uma:

“Estandarização da cultura mundial, com as formas locais populares ou tradicionais sendo deslocadas ou emudecidas para abrir espaço para a

---

<sup>12</sup> Filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata genebrino.

<sup>13</sup> Expressão aplicada ao estilo de vida americana baseado no consumismo que funciona como referência de autoimagem para a maioria de seus habitantes.

televisão americana, para a música americana, para a comida, roupas e filmes, como um aspecto central da globalização” (JAMENSON, 2001, p.20)

Logo, graças ao trabalho da ciência ou dos estudiosos da propaganda, nós humanos modernos, justificamos nossa domesticação pela capacidade que temos em consumir, e que em muitas vezes sem essa necessidade, como comenta Santos (2003, p. 127) “consumir não mais por necessidade, mas por ansiedade”, poderíamos afirmar que essa possa ser a causa que difere o homem selvagem, que vive por suas necessidades entre o homem domesticado que vive preso as suas ansiedades.

Para entender o homem domesticado é necessária uma compreensão em sua totalidade (psíquica, religiosa, emocional e racional) Atilio Marchesini Junior, em seu artigo, nos oferece um segmento de como se dá esse processo através das seguintes características:

Para a maioria dos bens, a sua oferta excede a procura, levando a que as empresas recorram a estratégias de marketing agressivas e sedutoras que induzem o consumidor a consumir, permitindo-lhes escoar a produção. Esta é uma questão como já disse controversa e defendida por econômicas que precisam ser citados.

Alguns produtos e serviços estão normatizados, os seus métodos de fabricação baseiam-se na produção em série e recorre-se a estratégias de obsolescência programada que permite o escoamento permanente dos produtos e serviços.

Os padrões de consumo estão cada vez mais massificados, e o consumo assume as características de consumo de massas, em que se consome o que está na moda apenas como forma de integração social.

Existe uma tendência para o consumismo (um tipo de consumo impulsivo, descontrolado, irresponsável e muitas vezes irracional), justamente pelo processo de valorização do capital pela publicidade e marketing. (JUNIOR, 2012, p.136)

Faz-se necessário portanto, repensar o consumo desenfreado do qual nem mesmo conseguimos consumir o que produzimos. É importante repensar o conceito “homem selvagem” e verificar que o mesmo é tão importante quanto esse “homem civilizado doméstico”. Um animal extinto, uma floresta devassada, um rio poluído, uma

cachoeira minada, uma praia invadida pelos prédios e mares. Tudo vem a cada dia se tornando cenário de saudades.

(...) a sociedade local era, ao mesmo tempo, criadora das técnicas utilizadas, comandante dos tempos sociais e dos limites da utilização. A harmonia socioespacial assim estabelecida era desse modo, respeitosa da natureza herdada, no processo de criação de uma nova natureza. (SANTOS, 1996, p. 188)

A humanidade ainda não entendeu os diversos fenômenos catastróficos evidentes vinculados ao aquecimento global indicando que a natureza está chegando ao seu limite de renovação, pois nossa ação predadora não retribui a altura o que tomou desse planeta, cada ação individual será refletida em todas as pessoas. Os seres humanos procriam vertiginosamente enquanto os recursos naturais desde sua origem, vem sumindo consideravelmente.

### **Educação para o consumo consciente**

Se iniciamos essa reflexão apontando a displicência humana perante aos problemas ambientais atuais, mais especificamente a humanidade domesticada, não podemos ser injustos quando nesse mesmo meio de convívio há uma pequena fração de preocupação com o meio ambiente através de simples atos individuais como por exemplo o reuso de água, a separação do lixo para coleta seletiva, alimentação vegetariana e empreendimentos que obedecem às regras de sustentabilidade. E como o objetivo desse artigo não é de destruir e sim de ressignificar o sentido de conviver junto ao meio ambiente, apresentamos aqui algumas iniciativas pelas quais vem fazendo diferença a renovar o olhar do que é necessário, diminuindo o supérfluo que é desnecessário em nós. Dessa forma, podemos cogitar a respeito do consumo consciente que parte do comportamento individual dos consumidores, contudo com uma preocupação em aspectos sociais em diversos âmbitos por englobar os impactos ambientais causados coletivamente através do consumo particular, por conseguinte o consumo consciente tende a assumir a responsabilidade de preservar o meio ambiente e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida para todos.

Esse tema veio à tona no Brasil depois de diversas conferências do chamado ambientalismo público já mencionadas aqui anteriormente, como por exemplo a Eco-92 que foi e é referência para a reflexão dos impactos ambientais. Essas situações levaram a um chamado de comprometimento dos atores envolvidos nesta conjuntura, empresas, governo, sociedade civil e o próprio consumidor que passa a ser gerador de impactos ambientais com base em seu consumo.

Dito de outra forma, pode-se entender o consumo consciente como a prática humana que considera seus impactos sobre o meio, como o resultado de um processo de reflexão baseado em um sentimento de pertencimento, nos quais suas ações estão direcionadas para a busca de resultados coletivos. (PINTO; BATINGA, 2016, p. 37)

Para de fato colocar o consumo consciente na prática é preciso transformar o estilo de vida na direção de obter uma alteração na forma de consumir, não é reduzir o consumo em si, e sim praticar a reciclagem, reutilizar materiais, optar por produtos sustentáveis e ecologicamente corretos, mesmo que tenha que pagar um custo mais elevado. É preciso ir na contramão do sistema capitalista que explora os recursos ambientais de forma absurda para gerar as suas matérias-primas no sentido de produzir mais mercadorias, além da obsolescência programada que consiste na fabricação de produtos antecipadamente planejados para serem desprezados com o propósito do consumidor comprar outro produto rapidamente. Além disso, é primordial combater o consumismo exacerbado que eleva ainda mais a problemática em questão.

É possível abordar o tema do consumo através do processo de ensino escolar como um meio de levar reflexões acerca do cotidiano dos estudantes, através da ação social e as consequências no espaço habitado por eles. O ensino de Geografia por exemplo, possibilita a compreensão do espaço geográfico a fim de nos tornar cidadãos críticos que se responsabilizam por entender a realidade social e transformações que ocorreram e ocorrem em nosso planeta. Dessa forma, a escola como instituição é fundamental na criação de pensamento consciente nos discentes e na mediação de princípios que norteiam a formação cidadã.

Sendo assim, o consumo entra nesse processo de ensino como uma ferramenta que vai trazer a reflexão sobre que identidades esses alunos

estão construindo, quais os valores eles estão seguindo com essa prática. Como as relações do cotidiano deles, de compra, transformam, constroem e estabelecem o espaço vivido por eles. (LEAL 2018, p. 34).

Os estudos ambientais e naturais devem ser obrigatórios nas pautas, tendo em vista que se tratam de temas relevantes para a existência da vida em nosso planeta, diante disso os alunos podem se auto incumbir a respeito do compromisso ante as consequências nas esferas da sociedade. O consumo consciente demonstra atenção aos efeitos que podem ser gerados através da compra e além disso, é um ato crítico no qual a análise é social, econômica e ambiental. Há uma visão ampla fundamentada em sua própria vida, possibilitando uma compreensão em relação ao contexto universal.

### **Considerações finais**

É inegável que precisamos mudar o nosso comportamento para que a situação ambiental do nosso planeta não se intensifique. Conferências tais como Eco-92 e Rio+20 abordadas neste trabalho, nos alertaram sobre os problemas ambientais que estamos causando. O documentário “A história das coisas” evidencia o consumo exacerbado em nossa sociedade, Annie Leonard apresenta o sistema produtivo capitalista desde a extração da matéria-prima, confecção dos produtos, processo de compra e venda até o momento de descarte gerando consequentemente a poluição. É impossível viver sem consumir, isto posto, se faz necessário uma compreensão complexa entre nosso cotidiano, nossas relações e estrutura das instituições no sentido de entender a relação desses aspectos com a produção capitalista e inferir que tudo isso está associado ao consumismo. Dessa forma, a sociedade de consumo aculturada com a prática “descartável” torna a ordem global padronizada através de relações que se baseiam no ato de consumir, nos tornando seres alienados no qual não temos a percepção de que somos atores sociais e nos convertemos em agentes passivos nas questões coletivas.

É possível alterar a dinâmica capitalista que se fortalece através do consumo exacerbado e irrefletidamente através da Educação, nesse sentido a disciplina de Geografia colabora com o estudo das questões ambientais e como o consumo consciente contribui diretamente com a diminuição dos impactos ambientais, colabora

com a cidadania no sentido em que deixamos de lado o pensamento individualista e dá lugar a valorização do bem-estar coletivo, além disso, é uma forma de intimidar as grandes empresas e instituições a refletirem e colocarem a mudança em prática.

Em suma, a reflexão empregada nesse artigo não se esgota, podemos afirmar que as formas de produção do nosso sistema incentivam o consumo intenso. Aqui, não fora abordado a multiplicidade de conceitos atrelados ao consumo consciente, todavia breves reflexões sobre conscientização da gigantesca degradação de nossos recursos e uma tentativa de pensar em alcançar resultados socioambientais favoráveis.

## Referências

ARENDT, Hannah, Eichmann em Jerusalém, **Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO, 1992, Rio de Janeiro, Brasil.

CONFERÊNCIA Rio-92 sobre o meio ambiente do planeta: desenvolvimento sustentável dos países. Em Discussão!. Revista de audiências públicas do Senado Federal, Ano 3, nº11, junho de 2012. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-rio-92-sobre-o-meio-ambiente-do-planeta-desenvolvimento-sustentavel-dos-paises.aspx>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

DAVID Attenborough e Nosso Planeta. Direção de Jonathan Hughes, Alastair Fothergill e Keith Scholey, Dinamarca: Netflix, 2020. 1 Documentário (1h23min).

JAMESON, F. **A Cultura do Dinheiro**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

JUNIOR, Atilio Marchesini. **O Modelo de Vida Alienante da “Sociedade do Consumo”**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 131-147, ago. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/atelie/article/download/16270/11458>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

LEAL, Helena de Marquet. **Consumo Consciente: O ensino de geografia e o despertar para se tornar um consumidor-cidadão**. Pesquisar: Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia, v.5, n.8, p. 28-41, set. 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/download/66652/40527>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

MICHAELIS. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/selvagem>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

PAPA FRANCISCO, Laudato Si'. **Louvado Sejas. Sobre o Cuidado da Casa Comum**, São Paulo, Paulus Editora – Edições Loyola Jesuítas, 2015, trad. do italiano, 142 págs.

PINTO, Marcelo de Rezende.; BATINGA, Georgiana Luna. **O consumo Consciente no Contexto do Consumismo Moderno: Algumas Reflexões**. Revista Gestão .Org, v. 14, Edição Especial, p. 30-43, mai. 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/download/22086/18467>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

PRADO, Adriana. Zygmunt Bauman "**Vivemos tempos líquidos: Nada é para durar**". Isto É, entrevista online. 24 de setembro de 2010. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755\\_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+>](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+>)>. Acesso em: 11 dez. 2020.

RIO+20. Comitê Nacional de Organização. Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. 13-22 jun. 2012. Apresentação de Power Point. Disponível em: <[http://www.rio20.gov.br/sobre\\_a\\_rio\\_mais\\_20/rio-20-como-](http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20/rio-20-como-)>

[chegamos-ate-aqui/at\\_download/rio-20-como-chegamos-ate-aqui.pdf](#)>. Acesso em: 11 dez. 2020.

RIO+20. Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, 2011. Disponível em: <<http://www.rio20.gov.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

ROUSSEAU, J.-J. **O Contrato Social**. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fonte, 1996.

SANTOS, L. G. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Editora 34, 2003.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Marivaldo Emidio da. **Na Sendas do Amor. Uma reflexão sobre a exortação *Amoris Laetitia* em diálogo com a modernidade líquida**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21926/2/Marivaldo%20Emidio%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

SILVA, Ulysses da. **Universidade e sociedade: por que ninguém se importa?** Jornal Santuário, 03 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.a12.com/jornalsantuاريو/artigos/a-cultura-do-descarte>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

TERRA. Direção de Michael Pitiot e Yann Arthus-Bertrand. França: Hope Production, 2015. 1 Documentário (98 min).

THE Story of Stuff. Direção de Louis Fox. Berkeley, California: Free Range Studios, 2007. 1 Filme (21 min).